

RESUMO

Propõe-se a análise das metáforas referentes ao corpo e ao movimento presentes na metodologia do ensino do ballet clássico. A partir de uma aproximação etnográfica em escolas de dança clássica, discute-se a forma como a codificação dos movimentos nesta técnica sugerem diversas imagens referentes ao corpo e pistas para o desenvolvimento de um movimento requerido. Ao se tratar de uma técnica ocidental e europeia, estas imagens respondem a contextos culturais e sociais específicos que configuram formas de entender e vivenciar a dança. Enfatiza-se no uso da linguagem e nas propostas de exercícios expressivos, para explicar a relação entre a metodologia de ensino e a construção de um certo corpo para a dança. Esta comunicação é um resultado parcial do projeto de pesquisa de Mestrado desenvolvido dentro do programa de Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas da UFBA, sob orientação do Prof. Érico José Oliveira.

PALAVRAS CHAVE: Corpo, ensino da dança, metáforas do movimento, cultura, linguagem.

ABSTRACT

This presentation analyses the metaphors related to the body and movement inside classical ballet teaching methodology. From an ethnographic approach in academies of classical dance, it is discussed how ballet's coding movements suggests several images related to the body, and clues for the development of a requested move. Since it is a Western and European art, these images respond to specific social and cultural contexts that shape ways of understanding an experiencing dance. It is emphasized the use of language and the expressive exercises proposals, to explain the relationship between teaching methodologies and the construction of a certain body for dance. This presentation is a partial result of the research project conducted within the activities intended to achieve a Master of Arts degree in Performing Arts at the UFBA, under guidance of Prof. Érico José Oliveira.

KEYWORDS: Body, dance teaching, metaphors of movement, culture, language.

Para pensar a ideia de territórios e fronteiras da cena proponho uma reflexão sobre alguns métodos e perspectivas que têm ajudado a construir este entre-lugar que localiza às artes cênicas em uma dinâmica “liminar”, a partir do desenvolvimento de diversos cenários de pesquisa. Aqui, vou aprofundar nas relações entre antropologia e dança, dando particular ênfase à etnografia e suas possibilidades de construção poética e de posicionamento do sujeito pesquisador. A partir da análise etnográfica, e especificamente da etnografia da fala, proponho traçar uma ponte com a análise da linguagem metafórica na dança (e no caso da minha pesquisa atual, com o ballet clássico).

A etnografia foi o método com o qual a antropologia definitivamente posicionou-se como disciplina e abriu um leque de possibilidades de estudo da cultura em diferentes níveis e com diferentes focos. A perspectiva etnográfica, **originalmente**, sugeria várias mudanças à forma como tradicionalmente tinha sido feita a pesquisa em ciências sociais. Entre elas, aparecia pela primeira vez a necessidade de um trabalho de campo de longa duração, o registro de experiências em diários de bordo e a posterior **análise** destes dados a partir de categorias propostas pelo pesquisador.

Este método, tem se transformado, como é natural, ao longo do tempo e a partir de diversas críticas que surgiram dentro e fora da academia. É importante ressaltar que cada uma delas implicou mudanças em dois aspectos fundamentais. A forma da escrita e o lugar do pesquisador. Estes dois aspectos, representam alguns dos debates mais importantes nas ciências sociais (e posteriormente nas artes) até hoje.

A partir da obra “Os argonautas do pacífico ocidental” (MALINOWSKI, 2001), a antropologia abriu o debate sobre a necessidade de um posicionamento do pesquisador, que tivesse em conta suas motivações, suas preocupações e seu trajeto, e fizesse explícitas estas características dentro da escrita. Isto, transformou radicalmente a escrita acadêmica feita até então, introduzindo aspectos que em outro momento foram vistos como puramente literários ou biográficos para dar-lhes uma relevância dentro da produção de conhecimento.

No fundo da discussão encontra-se a preocupação por valorizar a **experiência** como forma de conhecer e dar conta dela **através** da escrita para transmitir ao leitor o caminho percorrido na construção do conhecimento.

Durante os anos 60s e 70s, cresceu o interesse de utilizar a etnografia para estudar outro tipo de sociedades. Teóricos que faziam parte da escola de Chicago propuseram o uso da etnografia para pensar a vida urbana e seus fenômenos sociais. Esta perspectiva sociológica tentava se aproximar das relações entre sujeitos a partir dos conceitos de subjetividade e prática (THOMAS, 2003, p. 65)

Seguindo estas preocupações, a etnometodologia nasceu como proposta metodológica etnográfica, nos anos 60s em Chicago e depois, a partir dos 70s, começou ser difundida em outros lugares fora dos Estados Unidos. Sua importância teórica e epistemológica, baseia-se na ruptura radical das formas de pensamento da sociologia tradicional. A etnometodologia instaura-se como uma perspectiva de busca, uma postura intelectual que privilegia o compreensivo mais do que o explicativo e desenvolve um enfoque prioritariamente qualitativo. O real está escrito pelas pessoas e a seus atos comunicativos cotidianos expressam, descrevem e constroem esta realidade (COULON, 1998, p. 10).

A aplicabilidade da etnometodologia depende de várias posturas. Da mesma forma que afronta-se uma técnica de dança, com uma certa disposição corporal, umas formas particulares de uso da linguagem verbal e não verbal, e uma certa atitude, encarar um processo metodológico de pesquisa a partir da etnometodologia supõe um esforço por desnaturalizar o fenômeno em vários níveis.

No processo de desnaturalização, a ideia do uso da linguagem é fundamental. A linguagem como um conjunto de atos comunicativos que transmitem uma informação e são utilizados pelos sujeitos como acordos sociais, é retomada de Austin (1955), para quem este termo refere-se a uma série de atos comunicativos (verbais e não verbais) destinados a produzir “coisas” -ações, discursos, práticas- (AUSTIN, 1955, p. 25).

Austin interessa-se em pesquisar sobre expressões verbais que não são apenas enunciados, mas que correspondem em si mesmas a ações. Explica que qualquer ato comunicativo pode ser “afortunado” (happy) ou “desafortunado” (unhappy) (AUSTIN, 1955, p.11) dependendo de se consegue realizar as ações que se propõe. Para isso não é suficiente apenas pronunciar umas palavras (no caso de ser um ato verbal) mas como essas palavras têm um sentido para quem as recebe; são coerentes com o lugar social de quem as **está** pronunciando, e conseguem ter umas consequências.

O estudo de Austin encontra-se muito mais perto do território da linguística e no entanto tem sido apropriado por científicos sociais na proposta de análise denominada etnografia da fala e por pesquisadores das artes cênicas, especialmente da pedagogia do teatro (DALGALO, 2012) e a entocologia (BIÃO, 2007) que reconhecem uma importância nos atos comunicativos como forma de estudar o ensino das artes e sua relação com um contexto cultural mais amplo.

Com o desenvolvimento dos estudos da comunicação não verbal durante os anos 60s, a dança começou ganhar visibilidade neste campo por se tratar de uma atividade que privilegia outras formas de expressão que não são sempre filtradas **através** da linguagem falada (THOMAS, 2003, p.23). Porém, acredito que mesmo tratando-se de uma atividade não verbal, o ensino da dança (e especificamente do ballet clássico) acontece utilizando conteúdos verbais variados e que estão em diálogo com contextos culturais específicos onde a atividade é realizada.

A ideia da etnografia como tradução cultural, começou ser criticada pelos mesmos antropólogos quando questionaram a autoridade etnográfica. Para Geertz (1988) o exercício etnográfico é mais um trabalho de interpretação do que tradução porque o pesquisador deve reconhecer o seu olhar como determinante daquilo que está percebendo.

Esta postura mudou completamente a antropologia e suas metodologias. Quando a etnografia começou nos anos 60s a ser utilizada para pensar fenômenos urbanos e outros espaços não usuais, questionou-se o postulado da distância cultural como justificativa do uso da etnografia. O etnógrafo podia utilizar o método etnográfico para analisar fenômenos da própria cultura e que de alguma maneira lhe eram familiares.

No exercício de tornar o familiar, desconhecido, a etnografia aportou novas formas de analisar a realidade. Esta perspectiva explica que analisar etnograficamente um fenômeno conhecido para o pesquisador permite desnaturalizá-lo. Ao descrever em profundidade, explicar e escutar as explicações de outros **que** interagem com o pesquisador, revelam-se outros olhares sobre o fenômeno que

normalmente não seriam conscientes por fazerem parte de práticas cotidianas, aceitas, incorporadas e consideradas naturais (ou do senso comum).

Este caminho é utilizado com frequência na etnografia da fala que venho desenvolvendo em aulas de dança clássica. Só a partir de uma desnaturalização da linguagem é possível analisar as formas como a partir do uso metafórico da linguagem, explicam-se movimentos, posturas e repertórios corporais que devem ser incorporados no ensino da técnica. Estas metáforas estão o tempo todo no limite entre o poético e o estético como conteúdos marcados culturalmente e que referem-se a formas particulares de entender o corpo e a expressividade.

A ideia da desnaturalização do conhecimento cotidiano, baseia-se no conceito de estranhamento, fundamental na proposta de escrita etnográfica. Garfinkel (2006) o define como uma atitude reflexiva que tenta, através da escrita, interpretar fenômenos cotidianos codificados culturalmente e alertar sobre a incorporação ou relativização do senso comum.

A análise da linguagem metafórica na dança parte da explicação e da descrição em situações ordinárias. O etnógrafo (e por que não o artista) deve tornar estas atividades ordinárias e familiares em algo reconhecível como estranho e construído socialmente. O processo ajuda então a se perguntar “como” são feitas as coisas que cotidianamente fazemos. Cada vez que é usada uma explicação e descrição de práticas comuns, as desnaturalizamos ao ponto de reinventá-las (GARFINKEL, 2006).

Quando conseguimos explicar e descrever atividades ordinárias, a forma de descrever e explicar diz muito sobre como opera a incorporação destas atividades. Muitas vezes quando descrevemos uma atividade, mais do que descrever realmente o fenômeno, damos conta das explicações socialmente aceitas para que tais atividades aconteçam e pareçam ordenadas, racionais e propositais. No caso do ballet clássico, isto aparece com frequência quando as pessoas referem-se ao corpo do ballet como “perfeito”, “nobre”, “leve”, “limpo”. Assim, alertar sobre as formas como utilizamos a linguagem quando damos uma explicação sobre nossas práticas cotidianas e familiares, ajuda a questionar o “como” estas atividades têm sido apropriadas desta forma.

Perspectivas da antropologia da dança

Algumas teóricas e antropólogas da dança têm localizado a origem dos encontros entre antropologia e dança nos trabalhos de Sachs, principalmente na sua obra *World Dance History* (1963) e de Kurath (1960) com a proposta que esta última denominou “coreologia”. A coreologia definiu-se como a ciência dos tipos de movimento no estudo das danças consideradas “primitivas”, o que para a época correspondia ao interesse primordial do nascente campo de estudos em antropologia da dança.

Como membro da escola do *Kulturkreis*, Sachs acreditava na evolução unilinear das sociedades e na ideia de que uma forma cultural permanece inalterada até entrar em contato com outra forma cultural, numa espécie de difusionismo. Por isso, seu interesse em estudar as regiões culturalmente “isoladas” ou “estancadas no tempo” que seriam a forma de aproximar às formas originais e primárias de uma cultura.

Muitos trabalhos embora rejeitaram as ideias de Sachs contem, na sua estrutura, ideias implícitas de superioridade de certas culturas sobre outras. Kealiinohomoku (2001) afirma que ainda é comum encontrar trabalhos de história da dança que dedicam seus primeiros capítulos às “danças primitivas” para depois discorrer longamente sobre a “dança ocidental” (geralmente ballet clássico, dança moderna e contemporânea) e finalizar com um capítulo dedicado a “outras danças” não ocidentais, mas que também não podem ser chamadas de “primitivas” (principalmente danças japonesas e indianas).

Thomas, de alguma forma, concorda com estas apreciações quando afirma que os estudiosos da dança tenderam a privilegiar o estudo do theatrical dance (ballet, dança moderna e contemporânea), considerada alta cultura ou artes superiores, enquanto os estudos antropológicos que incluem o estudo da dança, favoreceram as danças consideradas sociais e populares faz mais de um século (THOMAS, 2003, p. 79). Só de forma tardia as duas tradições começam a se encontrar e dialogar com as possibilidades diversas.

Antropologia da dança ou dança com uma perspectiva antropológica começa a ser reconhecida com os trabalhos de Kurath que passa a ser considerada a “mãe” desta nascente disciplina. No entanto, Kaeppler

(2000) reconhece como pioneiro na tradição da antropologia da dança o trabalho de Franz Boas, quem embora não trabalhasse diretamente com a dança, aportou uma perspectiva que considera-se vigente.

A perspectiva do relativismo cultural de Boas propõe analisar a cultura no seu contexto e sob a suas próprias categorias de organização do mundo. No estudo da dança, Boas entendeu esta manifestação como forma de cultura que atende a uma necessidade elementar de ordem e ritmo dos seres humanos. A dança, então, deve ser explicada em termos da própria cultura e não a partir de generalizações que desconhecem a variabilidade cultural (BOAS, 1944).

Uma tendência importante dentro dos estudos de dança, sugerida por Kaepler (2000) é aquela das analogias entre linguística e estudo da dança introduzidas pela antropologia e as escolas de linguística estrutural durante meados dos anos 60s. Esta tendência procura definir a estrutura das danças como um sistema de conhecimento baseado nas combinações de kinemas (análogos aos fonemas), morfokinemas, motivos, coremas e danças de acordo a uma perspectiva “êmica” onde são os conceitos do próprio grupo detentor da tradição os que servem para fazer tal descrição. Esta perspectiva dá um primeiro passo na tentativa de criar uma analogia entre linguagem e dança e será fundamental para desenvolver novas escritas sobre a linguagem metafórica no ensino da dança.

Como podemos perceber até aqui, o panorama da antropologia da dança é amplo e não é do meu interesse dar conta em sua totalidade. Porém, seria possível diferenciar duas tendências no surgimento desta disciplina que vale a pena mencionar. De um lado encontram-se os trabalhos das antropólogas da dança e pesquisadoras influenciadas pela etnologia europeia relacionada aos Folklore Studies, e que interessam-se pelos aspectos coreológicos da dança. Do outro lado, encontram-se a antropologia da dança influenciada pelas escolas antropológicas estadunidenses e britânicas que priorizam o estudo dos aspectos contextuais da dança (THOMAS, 2003, p. 79)

Minha pesquisa inscreve-se principalmente nas posturas da segunda tendência. Na tentativa de vincular a análise do uso da linguagem como ato comunicativo que constrói a prática da dança (clássica) e a escrita etnográfica, localizo meu estudo dentro de uma **antropologia da dança** que se preocupa por revelar os usos sociais da prática e seus significados.

Bibliografia

AUSTIN, J.L. Como hacer cosas con palabras. Edição electrónica de www.philosophia.cl / Escuela de Filosofía Universidad ARCIS. 1955.

BIÃO, Armindo Jorge. Artes do corpo e do espetáculo: Questões de etnocenologia. P&A editora. Salvador. 2007.

BOAS, Franz. “Dance and music in the life of the northwest coast indians of North America”. Em: The function of dance in human society. New York. 1944.

COULON, Alan. La etnometodologia. Ediciones Cátedra S.A. España- Madrid. 1998.

DALGALO, Fabio. A etnografia na pesquisa em artes cênicas. Em: Moringa Artes do Espetáculo. João Pessoa, V. 3 N. 2 jul-dez/2012. 2012

GARFINKEL, Harold. Estudios en Etnometodología. Anthropos Editorial; México UNAM. Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades; Bogotá: Universidad Nacional de Colombia. 2006

GEERTZ, Clifford. La interpretación de las culturas. Ed. Gedisa. 1988

KAEPPLER, Adrienne. “Dance Ethnology and the Anthropology of Dance” En: Dance Research Journal, Vol. 32, No. 1 (Summer, 2000), pp. 116-125. Publicado por: University of Illinois Press on behalf of Congress on Research in Dance. 2000.

KEALIINOHOMOKU, Joan. “Uma antropóloga olha o Ballet Clássico como uma forma de dança étnica”. Em: Antropologia da dança I. Insular. Florianópolis. 2013.

KURATH, Gertrude. “Panorama of dance ethnology”. En: Current. Anthropology 1(3): 233- 54. 1960.

MALINOWSKI, Bronislaw. Los argonautas del Pacífico Occidental comercio y aventura entre los indígenas de la Nueva Guinea melanésica. Ed. Península. 2001

SACHS, Curt. World History of dance. W.W Norton and Company Ed. New York. 1963.

THOMAS, Helen. The body, dance and cultural theory. Palgrave macmillan ed. New York. 2003.